REVISTA DA FUNDARTE
ANO 22
NÚMERO 50
JULHO A SETEMBRO DE 2022
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



TRAJETÓRIAS EM ARTE:
POSSIBILIDADES PARA PERFORMAR E EDUCAR NA CONTEMPORANEIDADE

A CONSTATAÇÃO DE UMA VOZ POTENTE DA LITERATURA

Resenha: O arador das águas, Hoda Barakat. Rio de Janeiro: Tabla, 2021, 240 páginas.

Mônica de Ávila Todaro

Hoda Barakat nasceu em Beirute, no Líbano, em 1952, e é radicada na França onde vive, em Paris, até os dias atuais. Graduou-se em Literatura Francesa pela Universidade de Beirute. É romancista, dramaturga e publicou dez livros autorais. Dentre eles, destacam-se também contos e um livro de memórias. Premiada, duas vezes, é considerada uma das vozes mais potentes da literatura contemporânea do Oriente Médio. Além disso, a romancista libanesa foi nomeada como a primeira Acadêmica em Residência Árabe no Programa de Estudos do Oriente Médio da Universidade do Texas, em Austin .

O romance “O arador das águas” foi publicado na língua original em 1998, pouco tempo após a guerra civil libanesa travada de 1975 a 1990. A obra foi lançada no Brasil em 2021, pela Editora Tabla, com tradução de Safa Jubran. A tradutora é docente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), ganhadora do Prêmio Sheikh Hamad de Tradução e Entendimento Internacional, na categoria de tradução do árabe para o português.

Em uma entrevista dada a Porter Anderson, editor-chefe da Publishing Perspectives, Hoda Barakat é perguntada sobre a experiência de ganhar o Prêmio Internacional de Ficção Árabe e responde: “Isso me deixa duplamente feliz, porque o prêmio é uma honra de alta visibilidade e porque me permite saber que o mundo linguístico de minha terra natal me conhece e me ouve.”.[1]

[1] Entrevista disponível em https://publishingperspectives.com/2019/05/interview-comments-on-displacement-and-migration-from-hoda-barakat-2019-arabic-fiction-winner/

A voz da autora está presente em outras obras, como por exemplo: ‘A pedra do riso”, livro que tem como personagem principal um homem homossexual; ‘Vozes dos perdidos’, que traz o tema da imigração. Os dois livros podem ser comprados no Brasil, mas estão no idioma inglês. ‘Correio noturno’, outro livro da autora com depoimentos/cartas de pessoas deslocadas de sua terra natal, foi traduzido para o português.

O percurso literário de Hoda Barakat revela seu aprofundamento em temas atuais, difíceis e necessários. Temas para os quais muitas pessoas não querem sequer olhar ainda mais entrar em contato por meio da literatura. Conclui-se, com certa facilidade, que a escritora, que viu os efeitos da guerra de perto, não escreve sobre vítimas nem tampouco sobre criminosos. Em suas obras, ela nos leva a pensar sobre a humanidade.

Nesta trajetória, a escritora nos brinda com a obra: ‘O arador das águas’. O livro, em versão impressa e como e-book, reúne, com tradução meticulosa, dezoito partes, ou histórias, brilhantemente narradas pelo personagem Niqula Mitri, o narrador.

Ou seja, a começar pelo título, que remete, indaga e promete sem decepções, a um verdadeiro exercício de nossa imaginação mais profunda. Pode um arador, aquele que sulca a terra com o arado, preparar os leitores para a cultura? Sim. “O arador das águas” evidencia, objetivamente, o homem que reconstrói, pelas lembranças, as memórias de sua família e de seu território. A autora não separa a realidade da ilusão. O processo de escolha das verdades narradas no livro, inevitavelmente, nos traz sensações e geram formas imagéticas.

O mundo, que aparece ao longo do texto, vem ao encontro dos leitores em formas objetivas e subjetivas do tempo e do espaço. Hoda Barakat, nas palavras do narrador, escreve logo no início: “É uma ilusão.” (p. 13). E o personagem principal, contrapondo-se à fala de sua mãe, afirma: “Agora, eu vejo o que de fato quero ver.” (p. 25).

Nietzsche (2000), na obra “Escrito sobre retórica”, nos lembra que: "[...] retiramos do sentimento profundo os elementos intelectuais a ele misturados.” (p.

16). Na obra de Barakat, nos deparamos com um personagem arador, um ser que perfura o solo e o faz “recuperar sua soberania” (p. 42).

O narrador é apresentado pela autora como um homem de cinquenta anos, nascido em Beirute. Um homem “criado nestes becos estreitos” (p. 42) que, lentamente, revela as sensações causadas pelas explosões e bombardeios advindos da guerra.

Quem conhece, mesmo que não muito, a trajetória de Hoda Barakat sabe que seu processo de criação nos remete ao Oriente Médio, e é carregado de um pensamento estético, uma apreensão pelos sentidos. Isso caracteriza a obra em questão, acima de qualquer coisa, como fruto das vivências da autora que se impõem a ela desde que era criança.

Barakat, assim como seu personagem narrador, viveu em Beirute e ambos capturam, de modo exemplar, essa cidade dos anos de 1990 que guarda semelhanças com a de 2022. A autora profere lições, sem didatismo, sempre nos levando a pensar na importância da História, criticando a transformação de tudo em bens de consumo e em coisas passageiras.

Nas palavras do narrador: "Meu pai não viveu para me ver varrer as cinzas do andar térreo: náilon, poliéster, Diolen, acetato. Algodão mercerizado, lã sintética que estourava sob sol forte, cetim que estalava na luz, voal que amarelava só do cheiro e vincava ao ser tocado pelo ar. viscose, rhovyl, crailar... imitações que começaram com o tergal, chegando à decadência total com o Diolen.” (p. 53).". Sob os nomes de tantos tecidos, vale destacar que Barakat concebe o texto como tecitura. É no entrelaçamento dos tecidos e das relações entre os personagens e os lugares que a autora tece suas ideias que caminham no tempo passado e presente da narrativa.

Deste movimento, a história vai juntando tensão, atenção e intenção. “Não sei como aconteceu: de repente, eu me encontrei num buraco escuro.” (p. 67), diz Niqula Mitri, atordoado ao dar conta de sua frágil situação. Ressalte-se que o personagem, neste trecho da obra, descreve. Detalhadamente, os movimentos, sons e a sensação de estar entre pó e terra: "Fui apalpando as paredes de terra e

continuei descendo até sentir que meus pés já não tocavam mais os degraus de pedra, mas o chão nivelado." (p. 68).

O arquétipo do buraco rege a cena que termina quando Niqula encontra a saída e começa a "[...] andar sem planejar minha rota." (p. 76). Neste ponto, a autora retoma a relação do personagem com os tecidos e traz o linho como referência histórica: [...] pensava com fervor no linho que me aguardava em casa, no qual eu me envolveria, só nele. Ele me aqueceria, me curaria..." (p. 76). Em uma lição de múltiplas camadas textuais, a trama remonta à mocidade do narrador e ao romance, traduzido pelo pedido poético: "Não me dê os seus seios inteiros e de uma só vez." (p. 87).

Em que medida literatura e filosofia dialogam na obra em questão? A autora não renuncia aos recursos imagéticos e sensoriais na construção do texto. Tampouco se furta da dimensão ontológica do mundo. Pelo contrário, brinda os leitores, cada vez mais, com a profundidade do universo criado na trama tecida com dores e amores.

De uma obra que se torna cada vez mais profunda, e de uma profundidade que só pode ser alcançada pela leitura atenta, percebe-se que todas as cenas foram elaboradas na construção de um paradigma novo dentro do universo poético: o fascínio das ideias. Com a técnica precisa, a autora desenvolve a ideia do "casulo de linho", como diz o personagem, referindo-se às texturas.

Num certo ponto da obra em questão, os tecidos, num certo sentido, evidentemente, se misturam ao tempo, passado e presente, e aos lugares. Assim, enquanto leitores, somos guiados pela magia da escrita para "Uma cidade que não avança no tempo, mas que se multiplica e se acumula em camadas." (p. 95).

Trata-se de uma história que vem de um pensamento emocionado, sentido, com a escrita poética que nos preenche de imagens, cheiros e sensações. Na Beirute, retratada por Barakat, um olhar sobre os edifícios, as praças, as ruas e os jardins pode clarear muitos aspectos sobre a cidade, para além de si mesma, ou sobre os repertórios que temos e adquirimos, via mídia, quando se trata do Oriente Médio.

Nos diálogos entre narrador, seu pai, sua mãe e outros personagens, destaca-se um trecho no qual o pai diz: “Num grão de milho está escondido um mundo inteiro e completo.” (p. 115). “O arador das águas” é, sem dúvida, um livro que nos permite transitar e trilhar pelas mais variadas frases e expressões sob uma contínua indagação: É possível aprender por meio de histórias, levando-nos, de lição a lição, a abrir nossos corações e mentes para outras realidades?

Barakat cumpre o incrível feito de, na presente obra, escavar, sem pena, o âmago de nossas inquietações sobre uma guerra que despedaça lugares e entendimentos. Contudo, aqui vai uma advertência! O livro não é apenas sobre isso. Trata-se de uma incursão diferente que nos suspende, visto que saímos do senso comum para adentrar em histórias preciosas, com diferentes camadas. Nas palavras do narrador, direcionadas à sua amada Chamsa, enquanto um homem acostumado desde pequeno a acompanhar o pai na Loja de Tecidos: “Mulher de veludo, você nunca deve parar no significado aparente das palavras e na sua primeira camada.” (p. 138).

Livro, autora e personagens estão, a todo tempo, preparando os leitores para conhecerem e se envolverem com a complexidade e a beleza do mundo. Nossas dores e amores, as sagas de nossas famílias e nossos silêncios e gritos podem muito bem se misturar às tramas/cenas que exaltam a beleza da mulher amada e dos tecidos, como quando se trata da renda: “Calcular os pontos da renda requer tanto rigor quanto o necessário para sua ruína, para destruir o modo como ela é lida pelo olhar.” (p. 156).

Ao longo do livro, a escritora vai em busca de enredos que buscam situar os leitores nos fragmentos, frases e textos curtos que, na verdade, sintetizam grandes reflexões. Os temas da infelicidade e da sabedoria, por exemplo, nos chamam a atenção. A antítese entre eles dissolve-se quando o narrador afirma que “Eu não estava familiarizado com a infelicidade que a sabedoria traz. Ninguém me disse, ninguém me ensinou que a gente perde o que dá; perde e paga caro por isso.” (p. 160).

Aqui vale um grande esclarecimento: Barakat não perfaz um recorte simplesmente didático, com lições que se espalham ao longo do texto. Sua abordagem é fenomenológica, isto é, o ponto de vista da autora, sobre as questões que apresenta, parte da experiência do mundo, experiência consciente. Sobre o aprendizado que o pai lhe ensinou, Niqula afirma que: "[...] devemos nos munir de um aprendizado especial, um amplo conhecimento que reforce em nós a capacidade de recepção, elevando-nos ao nível da história para que assim não caiamos vítimas do seu encanto." (p. 171).

Eis um dos talentos de Barakat: levar os leitores ao conhecimento do que se dá (e não se dá), a partir de como a consciência interpreta os fenômenos da guerra. Cada cena nos carrega de experiências que desestabilizam nossas possíveis certezas.

Quando o narrador nos provoca com a seguinte questão: "Você vê agora como todas as histórias se assemelham, como elas se encontram, independentemente de suas origens?" (p. 176), refletimos, sob a perspectiva de Deleuze, que a arte do encontro com o outro pensamento é o momento da conjunção. Nas palavras do filósofo: "Aprender significa compor os pontos singulares de seu próprio corpo ou da sua própria língua com os de uma outra figura, de um outro elemento que nos desmembra, que nos leva a penetrar num mundo de problemas até então desconhecidos, inauditos." (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 317).

Barakat problematiza. O livro é de tirar o fôlego de quem, de fato, está disposto a um mergulho para um mundo desconhecido. Partindo para outros pontos do livro, os leitores se deparam com mais paisagens que perfuram nossas insuficiências repertoriais. Se, "[...] no ato de tecer há geralmente um ritmo que organiza o universo e guarda um grande segredo" (p. 202), o ato de ler "O arador das águas" aprofunda a nossa leitura de mundo e, em um ritmo instigante, revela e desvela segredos sobre Beirute.

Para este texto, selecionei pontos do livro. Confesso que foi uma missão dificílima. Acredito que faltou mencionar, mesmo que de forma breve, os trechos nos

quais a autora faz referência à velhice e ao envelhecimento. Tais temas perpassam pela obra e se misturam com o fôlego de Barakat e a luta do narrador para recuperar o seu fôlego.

Assim, o estilo da obra atua, singularmente, nas sensações dos leitores que também vivem intensamente o processo de envelhecimento. Diz o narrador: "É verdade que não sou mais jovem. Mas não posso ter envelhecido tanto em tão pouco tempo." (p. 185). A passagem do tempo, que tanto me fascina, como pesquisadora, é sinalizada pela autora em diferentes partes do livro. Antes, lemos o que o pai diz: "Deve ser a velhice. Velhos como eu gostam do passado e não conseguem ver nada além de falhas e faltas no presente." (p. 52). E ainda: "Já em sua casa, com ele sentado na minha frente, notei o quanto envelhecera." (p. 32).

A geratividade, ou generatividade, conceito criado por Erickson que se expressa pelo "[...] interesse em educar e guiar as gerações mais novas." (Erickson, 1963, p. 267), também está retratada na narrativa quando se trata de compartilhar com os leitores, de maneira poética, as lições passadas do avô para o pai e do pai para o filho. "A cidade não me traiu como meu avô temia." (p. 25). "

Aos cinquenta anos de idade, o narrador mergulhou, vivo, nas lembranças. Nada mais esquecia. Conquanto a Beirute de antes já não existisse, jamais se entregou ao esquecimento. Acrescente-se que as lições do passado, traduzidas em frases extremamente vigorosas e doloridas, desaguam: "[...] tudo terminou para mim em um choro reprimido, que eu só consegui liberar agora, nesta terra deserta, nesta solidão." (p. 195).

O livro vence o esquecimento, o silêncio e a solidão. Contudo, ao finalizarmos a leitura de "O arador das águas", alguns pontos são centrais. Um deles, de suma importância, vai ao encontro ao diálogo entre Deleuze e Parnet (1998, p. 3): "[...] à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio". Tal concepção nos leva a afirmar que Barakat compreende a escrita não como mero apoio de reflexão, mas sim como possibilidade de mudança quando nos tornamos leitores.

A tecitura da obra cria sensações e traz sentidos e significados, com o rigor necessário dos grandes pensadores, e, seguramente, possui um ritmo que nos movimenta e dá a pensar. As questões que a autora coloca –sem respostas simples – espelham o mundo por meio das palavras tecidas ao longo do fiar das histórias narradas.

A importância concedida ao contexto cultural, social e econômico de Beirute dão algumas pistas que autorizam os leitores a compreenderem que a linguagem não possui nenhuma neutralidade. Como ensina o pai de Niqula: “Para alcançar a plenitude do que é belo é preciso destruir tudo o que esteja fora dele.” (p. 225). Fica, como (in) conclusão, a problematização necessária: "Como você pode culpar uma pessoa que não enxerga, que não discerne formas ou lembranças, de lançar-se às cegas?" (p. 189).

Se vocês, leitores, não enxergavam Beirute, “O arador das águas” é um livro ao qual devemos nos lançar às cegas para destruir tudo o que a mídia traz e deixa de trazer sobre o Oriente. Como diz a canção do imortal Gilberto Gil: “Se oriente, rapaz, pela constatação de que a aranha vive do que tece.” e nós, leitores, podemos viver tecendo outras histórias a partir da leitura de livros tão profundos como este.

Referências:

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos.* São Paulo: Escuta, 1998.

ERICKSON, E. H. *Childhood and Society.* New York: Norton, 1963.

NIETZSCHE, F. *Escrito sobre retórica.* Madrid: Editora Trotta, 2000.